



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i2>

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Os diálogos entre história e literatura na obra *El general en su laberinto* de García Márquez

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i2.46135>

 Michelle Torre

Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, FMCBH, Brasil. E-mail: michelle torre@pbh.gov.br

Palavras-chave: García Márquez; Simón Bolívar; história; literatura.	Os diálogos entre história e literatura na obra <i>El general en su laberinto</i> de García Márquez Resumo: O artigo propõe discutir as relações entre história e literatura na obra <i>O general em seu labirinto</i> , do escritor colombiano Gabriel García Márquez, publicada em 1989. Apresenta uma discussão baseada na historiografia sobre Simón Bolívar e destaca como o personagem foi construído pelo escritor colombiano, que lhe confere atributos caribenhos. Parte-se do pressuposto de que o romance mostra as contradições das representações de Simón Bolívar. Discute-se também o caráter utópico do projeto de Bolívar, a partir das considerações de Fernando Aínsa. Por fim, propõe-se pensar no romance como um diálogo entre o presente e o passado da Colômbia.
Key words: García Márquez; Simón Bolívar; history; literature.	The dialogues between history and literature in García Márquez's novel <i>The general in his labyrinth</i> Abstract: This article proposes to discuss the relations between history and literature in the novel <i>The general in his labyrinth</i> , by Gabriel García Márquez, published in 1989. It presents a discussion based on the historiography on Simón Bolívar and emphasizes how the character was constructed by the Colombian writer, that confers to him Caribbean attributes. It is assumed that the novel shows the contradictions of Simón Bolívar's representations. The utopian character of Bolívar's project is also discussed, based on Fernando Aínsa's considerations. Finally, it is proposed to think of the novel as a dialogue between Colombia's present and past.
Palabras clave: García Márquez; Simón Bolívar; historia; literatura.	Los diálogos entre historia y literatura en la obra <i>El general en su laberinto</i> de García Márquez Resumen: El artículo propone discutir las relaciones entre historia y literatura en la obra <i>El general en su laberinto</i> , del escritor colombiano Gabriel García Márquez, publicada en 1989. Presenta una discusión basada en la historiografía acerca de Simón Bolívar y destaca como el personaje fue construido por el escritor, que le confiere atributos caribeños. El presupuesto es que la novela muestra las contradicciones de las representaciones de Bolívar. También se discute el carácter utópico del proyecto de Bolívar, desde las consideraciones de Fernando Aínsa. Por fin, se piensa la novela como un diálogo entre el presente y el pasado de Colombia.

Artigo recebido em: 08/01/2019. **Aprovado em:** 30/04/2019.

Na obra *El general en su laberinto*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, o general Simón Bolívar realiza sua viagem rumo ao desterro, partindo de Santa Fé de Bogotá em direção à costa atlântica, navegando pelo rio Magdalena. É a última viagem de Simón Bolívar, o homem que libertou, das mãos dos espanhóis, grande parte do continente latino-americano. Ele passa por lugares que já esteve e que viveu momentos de glória no passado. Tal como diz o narrador do romance, a viagem pelo Magdalena dava a impressão de que o general estava recolhendo os passos da sua vida. Esse romance, de García Márquez, causou polêmica no momento de sua publicação, em 1989, por abordar um personagem histórico, que teve e continua tendo sua imagem servida a interesses diversos ao longo do tempo.

Segundo o ensaísta colombiano Rafael Gutiérrez Girardot, no artigo “El Bolívar de García Márquez en *El general en su laberinto*”, publicado na obra *El legado de Macondo: Antología de ensayos críticos sobre Gabriel García Márquez*, a imagem de Simón Bolívar difundida pela obra causou preocupação para os historiadores da Academia Colombiana de la Historia, conforme se lê no trecho:

Alarmados por la fama del autor y por la popularidad de la novela fueron convocados por el Presidente de la Academia Colombiana de la Historia, Germán Arciniegas, para juzgar y condenar desde esa insólita Corte Suprema de Justicia a quien había manchado con su novela el honor de la historia patria y especialmente el de uno

de sus héroes. El Bolívar reinventado por García Márquez no es una figura de mármol (GIRARDOT, 2015, p.198)¹.

Conforme Girardot, após a convocatória, os historiadores publicaram cerca de 70 obras sobre o general para impor a imagem de Simón Bolívar que desejavam, refutando a imagem construída por García Márquez. Os historiadores da Academia Colombiana de la Historia argumentaram que o escritor havia humanizado o herói Simón Bolívar, sendo retratado como alguém de fala vulgar. Mas Girardot defende que o incômodo com o romance está além da humanização do general, pois é um incômodo político.

Para o ensaísta, o romance é uma crítica ao Estado colombiano, contemporâneo à escrita da obra, o qual era um Estado liberal e, no romance, quem representa o liberalismo é Santander, inimigo de Bolívar. Como Girardot ressalta, “García Márquez da con esto un salto histórico sutil, pues en vida de Bolívar no se había formado una agrupación política que se llamara partido o partido liberal” (GIRARDOT, 2015, p.205)². Conforme o ensaísta, “fueron los allegados políticos del General Francisco de Paula Santander, de

1 Alarmados pela fama do autor e pela popularidade do romance foram convocados pelo Presidente da Academia Colombiana de História, Germán Arciniegas, para julgar e condenar a partir dessa insólita Corte Suprema de Justiça a quem havia manchado com seu romance a honra da história pátria e especialmente um de seus heróis. O Bolívar reinventado por García Márquez não é uma figura de mármore. (Tradução nossa).

2 García Márquez dá com isso um salto histórico sutil, pois, quando Bolívar estava vivo, não havia se formado uma agrupação política que se denominasse partido ou partido liberal. (Tradução nossa).

quienes se derivó más tarde el partido liberal colombiano, que invoca a Santander como su inspirador y su patrono ideológico” (GIRARDOT, 2015, p.205)³.

Em 1989, quando o romance é publicado, Gabriel García Márquez concedeu uma entrevista à jornalista Maria Elvira Samper, para a revista colombiana *Semana*. Nessa entrevista, o escritor comenta, a propósito de *El general en su laberinto*, que desejava escrever um livro sobre o Rio Magdalena e o melhor pretexto para realizar tal obra seria a última viagem de Simón Bolívar. Ao iniciar seus estudos sobre o general, García Márquez percebeu o quanto os colombianos não sabiam sobre a história do país, e que a imagem de Bolívar, difundida e ensinada nas escolas, não fazia jus a ele.

Nessa mesma entrevista, García Márquez diz que sua obra sobre Simón Bolívar é um livro vingativo, pois:

Ese culto desmesurado sacralizado de Bolívar no es más que un sentimiento atávico de culpa de los que lo trataron como un perro. Pero yo sigo creyendo que Bolívar, así, apaleado y jodido, es mucho más grande que como nos lo han tratado de vender (GARCÍA MÁRQUEZ, 1989, p.10)⁴.

O escritor colombiano completa dizendo que

3 foram os políticos próximos ao General Francisco de Paula Santander, de quem derivou mais tarde o partido liberal colombiano, que invocam a Santander como seu inspirador e seu patrono ideológico. (Tradução nossa).

4 Esse culto desmesurado sacralizado de Bolívar não é mais que um sentimento atávico de culpa dos que o trataram como um cachorro. Mas eu sigo acreditando que Bolívar, assim, maltratado e prejudicado, é muito maior que como nos trataram de vender. (Tradução nossa).

sua obra foi escrita, entre outras razões, “para que a la memoria de Bolívar no le sigan haciendo cosas así” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1989, p.6)⁵. Ainda, na entrevista, García Márquez comenta que a história da Colômbia e da América Latina deveriam ser analisadas novamente e, inclusive, propõe para si a tarefa de organizar um grupo de jovens historiadores em torno de uma fundação para reescrever a história do país, uma história que não seja a oficial, com o intuito de compreender a Colômbia atual.

A jornalista Maria Elvira Samper questiona García Márquez sobre a desmistificação da figura de Simón Bolívar e as polêmicas após a publicação do romance. García Márquez comenta que temia desmistificar uma figura histórica como Bolívar, assim, buscou a consultoria de vários amigos historiadores e realizou uma pesquisa profunda sobre o general. O escritor colombiano conta que um desses historiadores, ao ler a obra finalizada, convocou-o para um encontro e comentou que a obra era muito respeitosa e uma grande reverência a Bolívar, mas as várias aparições do general desnudo o incomodavam, porque ninguém anda desnudo. E García Márquez respondeu a ele que “tú sabes que es cierto. Yo ando desnudo en mi casa. Y conozco muchísima gente de la costa, sobre todo hombres que andan desnudos”

5 para que à memória de Bolívar não sigam fazendo coisas assim. (Tradução nossa).

(GARCÍA MÁRQUEZ, 1989, p.5)⁶.

A imagem de Simón Bolívar desnudo veio de uma frase do próprio general encontrada por García Márquez que dizia que ele morreria pobre e desnudo. A partir daí, o escritor colombiano encontrou a imagem do personagem que guiaria a sua obra. García Márquez também menciona o testemunho de um diplomático que, ao visitar Bolívar, o encontrou despido, deitado em uma rede, enquanto seus soldados estavam entretidos com algum jogo. Nesse momento, García Márquez diz ter pensado: “ese es el Bolívar, meciéndose en una hamaca, desnudo. Así somos en la costa” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1989, p.4)⁷.

Mas é justamente essa imagem que os historiadores repudiaram, comenta o escritor colombiano, e completa que: “Fijate, todo lo que los historiadores consideran falso fue lo que a mí me emocionó y lo que me dio la imagen exacta de Bolívar” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1989, p.4)⁸. Ainda, a respeito da polêmica entre historiadores pela publicação do livro, García Márquez responde que essa polêmica está relacionada ao embate entre bolivarianos e anti-bolivarianos, e que ele já havia dito tudo o que acreditava sobre Bolívar em seu romance, bem como “mi opinión es esa y como lo mío es una novela, yo digo que

era así. Lo demás son interpretaciones que no me conciernen” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1989, p.6)⁹.

Como há diversas leituras historiográficas sobre Simón Bolívar (1783-1830), que foram realizadas ao longo dos anos, assim como diferentes biografias sobre o general, para este artigo foi necessário realizar um recorte. De acordo com a historiadora brasileira Maria Ligia Prado, no artigo “Bolívar em várias versões”, publicado em 2007, o personagem histórico tem sido evocado segundo os usos e os interesses de diferentes grupos ao longo da história. Para a autora, “colocada no ‘altar sagrado da Pátria’, sua memória foi mitificada e penetrou no imaginário social venezuelano” (PRADO, 2007, p.1). A historiadora explica que Bolívar deixou muitos escritos políticos e suas ideias variam nesses documentos, segundo as dificuldades de cada momento, o que propicia que suas frases sejam usadas de várias formas.

Na contemporaneidade, o presidente Hugo Chávez (1999-2013), na Venezuela, apropriou-se de frases de Bolívar utilizando-as como propaganda de seu governo. Conforme Maria Ligia Prado, a figura de Bolívar foi invocada pelo presidente venezuelano para legitimar os seus projetos políticos. O general foi utilizado pelo governo chavista como sendo o precursor da nova América Latina unida contra o imperialismo norte-americano. O Bolívar construído por Chávez é um defensor

6 você sabe que é correto. Eu ando desnudo em minha casa. E conheço muita gente da costa, sobretudo homens que andam desnudos. (Tradução nossa).

7 esse é o Bolívar, balançando em uma rede, desnudo. Assim somos na costa. (Tradução nossa).

8 Veja, tudo o que os historiadores consideraram falso foi o que me emocionou e o que me deu a imagem exata de Bolívar. (Tradução nossa).

9 minha opinião é essa e como o meu é um romance, eu digo que era assim. O resto são interpretações que não me concernem. (Tradução nossa).

da democracia, das causas sociais e é precursor do anti-imperialismo. De acordo com a historiadora, nos documentos produzidos por Bolívar, “não há menção às injustiças das desigualdades sociais ou da dominação dos poderosos sobre os mais fracos e nenhuma possibilidade de seus escritos carregarem algo de um socialismo ‘avant la lettre’” (PRADO, 2007, p.1).

Maria Ligia Prado relembra que Simón Bolívar teve uma educação de inspiração liberal, sendo um defensor da legitimidade da propriedade privada como base da sociedade, e defendia a necessidade da manutenção da ordem para garantir a segurança social. Na concepção da autora, Bolívar era contra a ampla participação popular na política e na “Carta da Jamaica” escreve que, na Venezuela, a experiência democrática era um claro exemplo de ineficiência.

De acordo com a historiadora Fabiana de Souza Fredrigo, a historiografia venezuelana dedicou um lugar de destaque a Simón Bolívar e essa dedicação está relacionada à cultura política hegemônica no país. Segundo a historiadora, Bolívar construiu uma memória heroica de si, por meio de suas cartas, oferecendo à posteridade um personagem que seria “um homem público irretocável, desprovido de vida privada” (FREDRIGO, 2010, p.44). Bolívar escolhia seus interlocutores cuidadosamente e tecia uma imagem de si na qual acrescentava legitimidade, projetando-a para a posteridade.

A historiografia bolivariana utilizou-se

das cartas como fontes históricas, sem realizar uma crítica sobre a intenção dessa construção de si de Bolívar, comenta Fredrigo. A representação de Bolívar, construída por ele em suas cartas, conformou uma cultura política hegemônica na Venezuela, especialmente no século XIX.

A explicação histórica, relativa à independência, foi vinculada à biografia de Simón Bolívar. Se depois de uma vida de conquistas e glórias, Bolívar conheceria a doença e a detração política de grupos que antes o apoiaram, da mesma forma, a América também vivenciaria a glória da emancipação e as ruínas dos desmembramentos posteriores. A historiografia tradicional venezuelana estabeleceu um vínculo entre os destinos de Bolívar e da América. Segundo Fredrigo, essa relação entre Bolívar e a América está presente nas cartas do general¹⁰ e foi seguida pela história do século XIX, atribuindo sentido a um viés historiográfico que se tornou hegemônico na cultura política da Venezuela.

De acordo com a historiadora, o culto ao Libertador antecipou-se à escrita das histórias nacionais, as quais o consagrariam. Na Venezuela, sob a presidência de José Antônio Páez¹¹, a história nacional alçou Simón Bolívar ao panteão dos grandes heróis da pátria, consagrando-o como o Libertador da América. De acordo com o historiador Carrera-

10 O “Archivo del Libertador” é composto por 287 tomos, que incluem diversos tipos de documentação, em especial as cartas escritas por Bolívar. O arquivo está sob a custódia, desde 1999, da Academia Nacional de la Historia de Venezuela.

11 José Antônio Páez governou a Venezuela em três períodos: 1830-1835, 1839-1843, 1861-1863.

Damas¹², citado na obra de Fabiana Fredrigo, os presidentes, que se seguiram, também incentivaram o culto ao herói. Foram realizadas comemorações e foi criado um panteão em sua homenagem em 1875, além de inúmeras obras de história nacionais dedicadas ao engrandecimento do general.

Segundo Fredrigo, os presidentes da Venezuela utilizaram a figura de Bolívar para promover a ordem e garantir a união da sociedade, sendo exaltado como o responsável pela consolidação das instituições do país. Em 1888, foi criada na Venezuela a Academia Nacional de la Historia, que se tornou a guardiã da memória do general. Em 1938, o presidente da Venezuela, Eleazar López Contreras (1936-1941), com o intuito de conservar a memória do general, transformou a Sociedad Bolivariana, criada em 1842, em uma instituição pública nacional.

Considero importante fazer um parêntese e trazer o que Paul Ricoeur disse a propósito dos usos da memória, na obra *A memória, a história, o esquecimento*. A memória nacional, que se celebra publicamente, é respaldada por uma história oficial, que será transmitida e aprendida. Os “abusos” da memória, tal como elucidou Todorov, em *Los abusos de la memoria*, revela-se no frenesi pelas comemorações, geralmente vinculadas a acontecimentos fundadores. E como disse Jacques Le Goff,

em *História e memória*, a forma como a memória é usada, como um instrumento de poder, pode levar a um esquecimento ou a uma celebração de personagens e acontecimentos, conforme o uso dos grupos. Na Venezuela, os grupos políticos que reclamaram para si o legado de Bolívar, abusaram de sua memória, com celebrações, panteões e livros de história que exaltavam a sua figura, utilizando-a conforme os seus interesses. A questão da integração da América Latina - contra o imperialismo norte-americano - continua a ser reclamada por grupos políticos, que evocam o herói Simón Bolívar como o seu grande idealizador.

O historiador franco-venezuelano, Nikita Harwich, no artigo “Un héroe para todas las causas: Bolívar en la historiografía”, publicado na revista *Iberoamericana* em 2003, também defende que o culto a Bolívar, na Venezuela, derivou da interpretação particular dada pela historiografia, “la de un héroe que pudiera servir para todas las causas y todas las circunstancias” (HARWICH, 2003, p.8)¹³. A visão europeia de Simón Bolívar, após as guerras de independência, era a do herói liberal e romântico, um exemplo a ser seguido pelas gerações que rechaçavam o Antigo Regime. Na Venezuela, a história de Bolívar aparece, primeiramente, nos trabalhos de Feliciano Montenegro y Colón (1837) e Rafael María Baralt (1841), que destacam os aspectos militares das campanhas pela independência.

12 CARRERA-DAMAS, G. *Cuestiones de historiografía venezolana*. Venezuela: Universidad Central de Caracas, 1964.

13 a de um herói que pudesse servir para todas as causas e todas as circunstâncias. (Tradução nossa).

Foi com base nesses escritos que os primeiros manuais escolares se referiram a Bolívar, criando a ideia do herói que lutara contra os inimigos espanhóis. Após o traslado das cinzas do general para a Venezuela, vários trabalhos surgiram em que se criava uma exaltação romântica do personagem heroico.

Segundo o historiador citado, o culto bolivariano seria fixado na ditadura do general Antonio Guzmán Blanco¹⁴, o qual decretou, em 1872, que as praças principais das cidades venezuelanas se denominariam “Plaza Bolívar” e que toda repartição pública deveria ter um retrato de Simón Bolívar. Guzmán Blanco celebrou o primeiro centenário de nascimento de Bolívar e empreendeu várias celebrações em torno da figura do general projetando-se como o continuador de sua obra, pois estaria realizando uma renovação da independência sob o signo da ordem e do progresso. Nikita Harwich explica que a memória de Bolívar passou a ser evocada em nome de um projeto nacional, comandado por Guzmán Blanco, que era essencialmente oligárquico. Bolívar era exaltado como o guardião de valores pátrios, sendo associado como o garantidor da ordem estabelecida. Dessa forma, forjou-se uma interpretação conservadora do personagem que iria se consolidar na ditadura de Juan Vicente Gómez (1908-1936). É nesse momento que Vicente Lecuna se dedica à tarefa de recopilar a

correspondência de Simón Bolívar. Segundo Harwich, para Lecuna, “era, por lo demás, indispensable que Bolívar fuese, literalmente, un héroe intachable en todos los aspectos de su vida, tanto pública, como privada” (HARWICH, 2003, p.13)¹⁵.

Na década de 1940, historiadores revisionistas europeus passaram a identificar Bolívar como precursor do anti-colonialismo e do anti-imperialismo no denominado, na época, terceiro mundo. Em 1951, é publicada a obra *Bolívar*, do espanhol Salvador de Madariaga, que insinuava serem as tentações monarquistas de Bolívar reais, além de dizer que as qualidades militares do general não poderiam ser consideradas tão elogiáveis como se dizia. Madariaga relatava os pormenores da relação amorosa de Bolívar com Manuela Sáenz e insinuava que o general teria uma ancestralidade negra. O livro de Madariaga foi condenado pela Academia Nacional de la Historia da Venezuela. Muitas versões sobre a vida e a obra de Bolívar surgiram ao longo desses anos, sendo que muitos trabalhos foram financiados pelo governo, segundo Harwich, até chegarmos ao uso do culto de Bolívar por Hugo Chávez. O historiador conclui que Simón Bolívar é um personagem histórico que serve a distintos perfis heroicos, que extrapolam a historiografia, aprisionando o personagem em um “labirinto historiográfico” (HARWICH,

14 Antonio Guzmán Blanco governou a Venezuela em três períodos: 1870-1877, 1879-1884, 1886-1887.

15 era, além disso, indispensável que Bolívar fosse, literalmente, um herói impecável em todos os aspectos de sua vida, tanto pública, quanto privada. (Tradução nossa).

2003, p.20)¹⁶.

Deve-se ressaltar que existem vários estudos sobre Simón Bolívar, que constroem diferentes imagens sobre o general, propiciando uma visão desmistificada do personagem. O Simón Bolívar da obra de García Márquez possui traços caribenhos, tanto físicos quanto linguísticos, como ressalta o narrador do romance. O ensaísta colombiano Rafael Gutiérrez Girardot observou, no artigo “El Bolívar de García Márquez en El general en su laberinto”, publicado na obra *El legado de Macondo: Antología de ensayos críticos sobre Gabriel García Márquez*, que Bolívar é “el héroe que pronuncia el castellano con las peculiaridades de un caraqueño y que usa frecuentemente giros y palabras propias de los paisanos o del arquetipo de los paisanos de su reinventor” (GIRARDOT, 2015, p.208)¹⁷. O próprio García Márquez, em entrevista concedida a Maria Elvira Samper, para o periódico *Semana*, comenta sobre a construção de seu personagem: “comencé a leer biografías de Bolívar y fui dándome cuenta de la clase de ser humano que era. Lo encontré tan familiar, tan conocido. Era como mucha gente que conozco en Venezuela, en Colombia. Era muy Caribe” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1989, p.1)¹⁸.

16 labirinto historiográfico. (Tradução nossa).

17 o herói que pronuncia o castelhano com as peculiaridades de um caraquenho e que usa frequentemente gírias e palavras próprias dos conterrâneos ou do arquetipo dos conterrâneos de seu reinventor. (Tradução nossa).

18 comecei a ler biografias de Bolívar e fui me dando conta da classe de ser humano que era. O encontrei tão familiar, tão conhecido. Era como muita

Quando em Santa Fé de Bogotá, o personagem se sente forasteiro e o seu “acento caribe, que tantos años de viajes y cambios de guerras no habían logrado amansar, se sentía más crudo frente a la dicción viciosa de los andinos” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.40)¹⁹. O Bolívar, de García Márquez, utiliza-se de gírias caribenhos para se expressar como quando diz “Mosquera es un pendejo y Caycedo es un pastelero” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.146)²⁰, sendo que “lo que queria decir, en jerga Caribe, que el presidente era un débil, y el vicepresidente un oportunista” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.147)²¹. Utiliza-se de outras expressões caribenhos como em: “Y concluyó en caribe puro: ‘¡Lo demás son pingadas!’” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.208)²². O general também possuía “una reputación de gran bailador” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.165)²³, tendo, em determinada ocasião, “bailado la cumbia como un maestro” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.165)²⁴, relata o narrador. A cumbia é uma dança típica da costa caribenha, sendo uma “danza popular de estirpe africana”

gente que conheço na Venezuela, na Colômbia. Era bem Caribe. (Tradução nossa).

19 sotaque caribe, que tantos anos de viagens e mudanças de guerras não tinham conseguido amansar, fazia-se sentir mais cru ainda, diante da dicção viciosa dos andinos (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.41).

20 Mosquera é um cagão e Caycedo um viracasa (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.145).

21 Dizia em linguajar rude que o presidente era um fraco, e o vice-presidente um oportunista (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.145).

22 O mais é sacanagem! (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.205).

23 da fama de grande dançarino (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.163).

24 dançado a cumbia como um mestre (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.163).

(GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.165)²⁵.

Logo no início do romance, o narrador descreve o personagem decrepito, porém, caribenho, assim, “sus ásperos rizos caribes se habían vuelto de ceniza” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.10)²⁶. Ainda, o personagem é descrito como “óseo y pálido, con patillas y bigotes ásperos de mulato, y el cabello largo hasta los hombros” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.82)²⁷. Sobre os retratos do general, produzidos ao longo de sua vida, o narrador comenta que Simón Bolívar possuía uma índole Caribe, bem como tinha uma descendência africana, mas teve seu perfil modificado, seu sangue foi “lavado” e seu perfil adquiriu contornos romanos.

Verifica-se na obra a contraposição entre Santa Fé de Bogotá e Cartagena das Índias. O personagem Simón Bolívar, instalado em Cartagena, uma das últimas paradas de sua viagem, vai ao mercado para tomar um café, ao regressar à casa se depara com um grupo de crianças que o rodeiam cantando “¡Viva el Libertador!” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.163)²⁸, ou seja, a forma de tratamento em Cartagena é diferente da forma como o trataram em Santa Fé de Bogotá ao gritarem “¡Longanizo!” (GARCÍA

MÁRQUEZ, 2012, p.33)²⁹. Além disso, como o narrador comenta, o general possuía uma “pasi3n por los cartageneros” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.250)³⁰. É em Cartagena, durante essa última viagem, que Sim3n Bolívar recebe a notícia de que Riohacha se rebelara: “Riohacha depuso al comandante de armas, desconoci3 la autoridad de Cartagena, y se declar3 venezolana” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.211)³¹. O personagem, recobrando suas forças, articula um plano militar para empreender uma nova expedição que pudesse reviver suas gl3rias do passado, pois “la insurrecci3n de Riohacha le daba pie para movilizar desde otro frente fuerzas nuevas y mejores contra Maracaibo” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.211)³².

A costa caribenha da Col3mbia passa a ser enfocada pela narrativa, pois, nesse momento, a obra se volta para as disputas locais. Ap3s o golpe dado à presid3ncia da Rep3blica, Urdaneta torna-se o novo presidente e Riohacha n3o reconhece a autoridade de Cartagena de Índias, aliando-se à Venezuela. A casa de Sim3n Bolívar se converte em um quartel general e o protagonista n3o volta mais a pensar sobre a viagem para a Europa. O general traçava as estrat3gias militares deitado

25 dança popular de origem africana (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.163).

26 sua áspera grenha caribe ficara cinzenta (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.12).

27 ósseo e pálido, com suíças e bigodes ásperos de mulato e o cabelo comprido até os ombros (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.82).

28 Viva o Libertador! (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.161).

29 Longanizo! (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.34).

30 paixão pelos cartagenenses (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.245).

31 Riohacha dep3s o comandante de armas, rejeitou a autoridade de Cartagena e se proclamou venezuelana (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.208).

32 a insurreiç3o de Riohacha lhe dava oportunidade para mobilizar contra Maracaibo, a partir de outra frente, forças novas e melhores (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.208).

em sua rede. Pela manhã, o plano “estaba terminado hasta en sus últimos detalles, y era minucioso y feroz. Y tan visionario, que el asalto a Maracaibo estaba previsto para fines de noviembre o, en el peor de los casos, a principios de diciembre” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.212)³³. Portanto, quando o personagem está na costa atlântica, longe de Santa Fé de Bogotá, que recobra seu ímpeto de estrategista, revivendo o passado das batalhas das quais saíra como vencedor.

Nas imbricadas relações entre história e memória, ressalto que há uma primeira relação que deve ser observada entre o corpo depauperado do general, que encarna o sonho da unidade latino-americana, e a desagregação do continente em diversas nações. A descrição de Bolívar, pelo narrador, logo no início do romance, é essencial para a imagem que se forma sobre o general e a pátria, no momento em que a utopia da unidade é como um sonho, que boia nas águas depurativas da banheira do general, tal como ele, despido de seus ideais, vendo as elites locais lutarem entre si pelo poder:

Hasta su desnudez era distinta, pues tenía el cuerpo pálido y la cabeza y las manos como achicharradas por el abuso de la intemperie. Había cumplido cuarenta y seis años el pasado mes de julio, pero ya sus ásperos rizos caribes se habían vuelto de ceniza y tenía los huesos desordenados por la decrepitud prematura, y todo él se veía tan desmerecido que no parecía capaz de perdurar hasta el julio siguiente

33 estava pronto em todos os pormenores. Era minucioso e feroz, e tão visionário que o assalto a Maracaibo estava previsto para fins de novembro ou, no pior dos casos, para começo de dezembro (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.208).

(GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.10)³⁴.

A imagem de um herói, que vencera a tantas guerras sem ferimentos graves, contrapõe-se à imagem do corpo enfermo e depauperado de seus últimos dias, tanto que quando retorna para Santa Fé de Bogotá pela última vez, o homem que atravessa a cidade não é mais o mesmo e “en vez de Palomo Blanco, su caballo histórico, venía montado en una mula pelona con gualdrapas de estera, con los cabellos encanecidos y la frente surcada de nubes errantes, y tenía la casaca sucia y con una manga descosida” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.22)³⁵.

Assim como a decrepitude do general é prematura, a fragmentação da grande pátria também o é, pois logo que a independência em relação à Espanha é alcançada, iniciam-se as guerras internas, entre caudilhos, pelo poder. O narrador relata que Bolívar se sentia desenganado e amargurado, no que se referia à questão do poder, pois não teve seu projeto de unificação respeitado, conviveu com intrigas de opositores e com a ingratidão da população, que de libertador, passou a enxergá-lo como um tirano.

O discurso do personagem Simón

34 Até sua nudez era diferente: tinha o corpo pálido e a cabeça e as mãos queimadas de sol. Completara quarenta e seis anos no último mês de julho, mas já sua áspera grenha caribe ficara cinzenta: tinha os ossos desmantelados pela decrepitude prematura, e todo ele se via tão desfeito que não parecia capaz de durar até o próximo julho (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.12).

35 Em vez de Pombo Branco, seu cavalo histórico, montava uma mula pelada com uma esteira servindo de baixeiro, tinha o cabelo encanecido e a testa sulcada de nuvens errantes, a sobrecasaca suja e com uma manga descosturada (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007b, p.23).

Bolívar é de que ele havia lutado vinte anos em prol da liberdade do continente, mas não encontrava apoio para o seu projeto de unificação. Na voz de Bolívar: “todo lo que hemos hecho con las manos lo están desbaratando los otros con los pies” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.24)³⁶, referindo-se às separações arbitrárias das elites locais, que fragmentavam os territórios libertados. A epígrafe do romance, “Parece que el demonio dirige las cosas de mi vida” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.7)³⁷, retirada de uma carta de Bolívar a Santander, escrita em 1823, resume o fatídico destino de Simón Bolívar, focado na obra de García Márquez. Em sua viagem rumo ao desterro, o personagem é um homem decrépito, desiludido, impopular e sem apoio político. O projeto de integração da América, pelo qual lutara por muitos anos, fracassara.

O projeto utópico de Simón Bolívar, de integração do continente, pode ser pensado à luz das considerações de Fernando Aínsa em *La reconstrucción de la utopia*. Segundo o crítico, a utopia cumpre o papel de motor da história da América Latina, daí a necessidade de se restabelecer a reflexão utópica como parte da recuperação da dimensão crítica do pensamento contemporâneo. A utopia é uma forma de refletir sobre o presente visando influir sobre ele para a sua transformação. Desse modo, a utopia é considerada como a

36 *tudo o que fizemos com as mãos os outros estão desmanchando com os pés* (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.25).

37 Parece que o demônio dirige as coisas de minha vida (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.7).

esperança de uma mudança possível. Na concepção de Aínsa, a respeito do sentido de utopia: “en todos los casos, lo es de subversión, por lo que su carácter de proposición alternativa resulta esencial. Así se puede hablar del doble aspecto de la utopía: crítica de lo existente y propuesta de aquello que debería existir” (AÍNSA, 1999, p.47)³⁸.

Segundo o ensaísta, “el sueño utópico parte inevitablemente de una representación de la época del autor y de las posibilidades que a priori permitirían una alternativa histórica” (AÍNSA, 1999, p.47)³⁹. Fernando Aínsa prossegue dizendo que a função utópica é a mesma através do tempo, e o que varia são as respostas e os modelos propostos, assim, a utopia é formada pelas ideias que surgem a partir de uma tomada de posição, dentro de um contexto histórico e social. A obra do utopista surge das condições de sua época e se projeta na reconstituição dessa época. Para o ensaísta, o que melhor caracteriza a utopia é a tensão entre a realidade atual e o paradigma para o futuro. Nesse sentido, a utopia projeta um paradigma que impulsiona a marcha de uma sociedade, colocando-a em movimento, sendo essa a função das utopias, ou seja, a de abrir possibilidades para a mudança.

Em *El general en su laberinto*, observo

38 em todos os casos, o é de subversão, pelo que seu caráter de proposição alternativa resulta essencial. Assim se pode falar do duplo aspecto da utopia: crítica do existente e proposta daquilo que deveria existir. (Tradução nossa).

39 o sonho utópico parte inevitavelmente de uma representação da época do autor e das possibilidades que a priori permitiriam uma alternativa histórica. (Tradução nossa).

que a utopia faz parte da história do continente latino-americano, no sentido proposto por Fernando Aínsa. Ressalto que o sentido atribuído à utopia por Aínsa não é o de algo impossível, aberto a qualquer possibilidade da imaginação, mas sim de proposições que possuiriam a possibilidade de se concretizarem historicamente. Simón Bolívar, ao imaginar um futuro possível para a América hispânica, possuía um pensamento utópico, e esse projeto é um dos pontos centrais da obra de García Márquez. O romance, a partir do presente, dialoga com o discurso da integração, em sua dimensão utópica, problematizando as limitações impostas ao projeto de Bolívar em seu contexto histórico e político.

A respeito da imagem de degradação do personagem, o romance estabelece uma relação entre o corpo doente do general, os sonhos perdidos, e a fragmentação do continente latino-americano. Essa relação foi estabelecida pelo próprio Simón Bolívar, personagem histórico, nas cartas que redigiu, sendo uma vertente da historiografia venezuelana, como visto anteriormente.

Uma imagem interessante presente no romance e que se relaciona com essa discussão é a imagem das ruínas, recorrente na obra por meio das cidades por onde o general e seu séquito passam. Tais cidades estão em ruínas, devido às guerras de emancipação. A sensação é de certo modo de que tudo o que se edifica é uma promessa de ruína, assim como o que acaba de se levantar, o que pode ser

relacionado ao projeto de Bolívar e às independências, desembocando na referência às guerras terem sido inúteis. Pois as cidades eram bem diferentes antes da guerra e após a guerra não eram mais as mesmas. Pode-se pensar na ideia da ruína também como esse espaço interiorizado do personagem, que vive seus últimos dias de forma desoladora, decrépito e miserável, muito diferente dos dias de glória do passado. São várias as imagens engendradas no romance que se dirigem à questão da decadência, como pode ser observado pela imagem do general, seu corpo, sua indumentária, seu cavalo, bem como as ruínas das cidades ao longo do rio Magdalena.

Em relação ainda às cidades em ruínas, se junta outro elemento, que diz respeito às viúvas dos que lutaram nas guerras de independência e que vivem nessas cidades à beira do rio “como cuervos pensativos bajo el sol abrasante, esperando aunque fuera un saludo de caridad” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.104)⁴⁰. Ao vê-las, o general, pensativo, comenta que “ahora las viudas somos nosotros, dijo. Somos los huérfanos, los lisiados, los parias de la independencia” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.104)⁴¹. A comparação que Bolívar realiza de si e de seu séquito com as viúvas, os aleijados e os párias alude à imagem do desamparo, da invalidez e da marginalização, imagens que ele mesmo e seu

40 como urubus pensativos sob o sol abrasador, esperando nem que fosse um aceno de caridade (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.103).

41 agora as viúvas somos nós – disse. – Somos os órfãos, os aleijados, os párias da independência (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.103).

exército encarnavam, distanciando-se da imagem de glória do passado, sempre vivificado na memória do general.

Essas imagens engendradas no romance relacionam o personagem Simón Bolívar à decrepitude e às ruínas de seu projeto, conforme a relação já mencionada entre o destino do general e o destino da América. Mas, apesar dessa imagem do general, outra imagem de si é construída, por meio de suas recordações. O discurso do personagem é de que ele era o homem predestinado a fazer a independência da América.

No romance, o general deixa Santa Fé sentindo a ingratidão pública. Os insultos da população são destinados também ao exército de libertação, que deixara a capital, em meio à “gritería de las turbas que les azuzaban perros y les tiraban ristas de buscapiés para discordarles el paso, como no lo hicieron nunca con una tropa enemiga” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.17)⁴².

Simón Bolívar é acusado pela população da capital de querer a presidência vitalícia, além disso, nas paredes da cidade, podiam-se ler as injúrias contra o general. O personagem deseja sair o mais rápido possível de Santa Fé de Bogotá e partir para o seu exílio, pois a capital é descrita pela voz do narrador como uma cidade fria e hostil ao general.

42 gritaria da multidão, que açulava cachorros contra eles e atirava busca-pés para lhes desacertar o passo, como nunca havia feito com uma tropa inimiga (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.19).

Segundo o narrador, logo no início do romance, em Santa Fé de Bogotá, “lo acusaban de ser el promotor oculto de la desobediencia militar (...) lo acusaban de querer la presidencia vitalicia” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.19)⁴³. O personagem também não se sente bem-vindo àquela cidade, pois ao deixá-la diz: “me voy para donde me quieran” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.21)⁴⁴, e em outra ocasião havia dito sobre Bogotá que “éste no es mi teatro” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.40)⁴⁵. No romance, o personagem sente-se desiludido em relação a Santa Fé de Bogotá, da qual sai com um adeus de fugitivo, como comenta o narrador: “nadie hubiera creído que él fuera el mismo de entonces, ni que fuera la misma aquella ciudad taciturna que abandonaba para siempre con precauciones de forajido” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012, p.45)⁴⁶.

O romance de García Márquez inicia-se com a retirada de Simón Bolívar do poder, devido às discórdias políticas vivenciadas pela recém-fundada República da Colômbia, que envolviam os desejos separatistas dos Estados constituintes dessa Grã-República e a acusação de que o general desejava se perpetuar no poder. A Assembleia Constituinte reunia-se na

43 Acusavam-no de ser o promotor oculto da desobediência militar (...). Acusavam-no de querer a presidência vitalícia (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.20).

44 Vou para onde gostem de mim (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.23).

45 Este não é o meu teatro (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.41).

46 Ninguém teria acreditado ser ele o mesmo de então, nem que fosse a mesma aquela cidade taciturna que abandonava para sempre com cautelas de forajido (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.46).

capital, mais uma vez, a fim de elaborar uma nova Constituição para a República. Esse é o contexto em que encontramos o personagem Simón Bolívar, um homem decrépito e desiludido, que se prepara para sua viagem rumo ao exílio.

Simón Bolívar diz, no romance, que nenhum Congresso jamais salvou uma República, em alusão aos políticos que se dedicam à elaboração das leis de um país. Levando em consideração o que disse o personagem, é possível propor uma relação entre o romance e a história política contemporânea da Colômbia. *El general en su laberinto* estabelece um diálogo entre presente e passado, realizando uma crítica à política colombiana, praticada por um Congresso.

O cientista político colombiano Luis Javier Orjuela Escobar, no artigo intitulado “Así era el país en el que nació la Carta del 91”, publicado no periódico *El Tiempo*, realiza um balanço dos vinte anos da promulgação da Constituição de 1991 na Colômbia. Segundo o cientista, no final dos anos 1980, o país enfrentava uma situação de crise, com a exacerbação do clientelismo e a falta de representatividade dos partidos políticos, que vinha sendo gestada desde a década anterior. A ordem pública também vinha se deteriorando com a violência de grupos armados e a questão do narcotráfico, que declarou guerra ao Estado. As desigualdades sociais e econômicas também eram agudas na Colômbia. Com a exacerbação da violência pelo narcotráfico, movimentos sociais

reivindicaram a reforma política.

De acordo com Luis Javier Orjuela Escobar, em 1991, formou-se uma Constituinte para a elaboração de uma nova Constituição para o país. Dentre várias mudanças, a nova Constituição ampliou a representação política das minorias e de outras forças políticas distintas do bipartidarismo tradicional, aumentando a participação do cidadão nas atividades do Estado, além de proibir a extradição de colombianos para serem julgados no exterior.

Pelas mudanças observadas na Constituição de 1991, é possível entender parte dos anseios da sociedade colombiana do final da década de 1980. À época dos debates para a formulação da nova Constituição, havia dois projetos de sociedade em disputa: um projeto que defendia uma economia sensível às necessidades sociais da população e outro que defendia a reestruturação neoliberal do país. Na nova Constituição, prevaleceram a equidade e os direitos socioeconômicos. A Constituinte recomendou o fechamento do Congresso Nacional e estabeleceu a eleição de um novo Congresso naquele mesmo ano.

El general en su laberinto, ao trazer as representações contraditórias de Bolívar, glorioso em seu passado e degradado em seu presente, aponta para um projeto de nação que tende à ruína. No romance, a frase final de Simón Bolívar, “¡Cómo voy a salir de este laberinto!” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2012,

p.271)⁴⁷, alia o passado ao presente da Colômbia de 1989, data em que foi publicado o livro de García Márquez.

Na obra, o narrador remete ao anúncio de uma nova Constituição, além daquela que já tinha sido redigida para a recém-fundada República. Nessa mesma direção, considerando o diálogo entre o passado e o presente político da Colômbia, García Márquez se vale do personagem Santander, denominado, no romance, de “homem das leis”, para realizar uma crítica ao formalismo das leis tanto no momento fundador da nação quanto em períodos históricos subsequentes.

Na obra *El general en su laberinto*, García Márquez valeu-se de uma vasta pesquisa histórica, assim como consulta a historiadores, como ele relata na seção de agradecimentos do livro. Nesse romance, García Márquez utilizou-se das cartas de Simón Bolívar, bem como de outras fontes históricas, de obras de historiografia e de biografias. O escritor, ao adentrar no arquivo de Simón Bolívar, selecionou a documentação histórica, organizando-a, atribuindo-lhe sentido e construindo uma narrativa com base nesse material.

O romance, decorrente de trabalho criativo e consulta a várias fontes, revelou discursos variados sobre o personagem, colocando em cena diversas imagens sobre o libertador. García Márquez também problematizou a retomada da figura do

general, dialogando com o passado a partir do presente, fazendo o leitor se reconhecer no contexto histórico da publicação do livro. A questão do diálogo entre passado e presente projeta a discussão do romance na contemporaneidade colombiana, mergulhada em uma crise constitucional e política no final dos anos 1980.

Referências

AÍNSA, Fernando. *La reconstrucción de la utopía*. México D.F: Correo de la Unesco, 1999.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Guerras e escritas: a correspondência de Simón Bolívar (1799-1830)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *El general en su laberinto*. Buenos Aires: Debolsillo, 2012.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Es un libro vengativo. [10 de abril, 1989]. Bogotá: *Semana*. Entrevista concedida a Maria Elvira Samper. Disponível em <www.semana.com>. Acesso em: 12 set. 2016.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *O general em seu labirinto*. Tradução de Moacir Werneck de Castro. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GIRARDOT, Rafael Gutiérrez. El Bolívar de García Márquez en *El general en su laberinto*. In: FONTALVO, Orlando Araújo (Org.). *El legado de Macondo: Antología de ensayos críticos sobre Gabriel García Márquez*. Barranquilla: Editorial Universidad del Norte, 2015.

HARWICH, Nikita. Un héroe para todas las causas: Bolívar en la historiografía. In: *Revista Iberoamericana*, vol. III, 10, pp.7-22, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 7 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

47 Como vou sair deste labirinto? (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.266).

ORJUELA ESCOBAR, Luis Javier. Así era el país en el que nació la Carta del 91. [25 de mayo, 2011]. Bogotá: *El Tiempo*. Disponível em <www.eltiempo.com>. Acesso em: 21 abr. 2017.

PRADO, Maria Ligia. Bolívar em várias versões. [21 de janeiro, 2007]. São Paulo: Caderno Mais. Suplemento da Folha de S. Paulo. Disponível em <www1.folha.uol.com.br> Acesso em: 21 nov. 2016.

PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. *História da América Latina*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Traducción de Miguel Salazar. Barcelona: Paidós, 2015.